

SALÃO DE ARTE MODERNA: OS PRÊMIOS —

Um fato incontestável — houve um esvaziamento no Salão de Arte Moderna. Poucos os grandes nomes da arte brasileira presentes à mostra, que este ano, num passe de mágica, abriu na data regulamentar e foi mais além, divulgou a premiação no dia de sua inauguração. Está havendo um inexplicável preconceito contra o Salão, sem dúvida um dos mais importantes do país e o único a proporcionar dois altos prêmios de viagens ao exterior. O longo prazo (dois anos) e a quantia estipulada (500 dólares) da premiação, dois itens a merecer urgentemente revisão, têm resultado no retorno antecipado dos últimos premiados, inclusive Haroldo Barroso e Pindaro Castelo Branco, mas isto, acreditamos, não são argumentos negativos à falta de interesse pelo SNAM.

Este ano, como nos demais, o saldo do Salão não vai além do bem comportado. Premiou-se, com justiça, quatro excelentes artistas, como o goiano Siron Franco, com pintura, e a mineira Vilma Martins, com desenho, para as Viagens ao Estrangeiro; enquanto o cearense Inácio Rodrigues (pintura) e o pernambucano José Lima (gravura) ficaram com os Prêmios de Viagens ao país. Como não houve os habituais protestos e todos aceitaram as indicações do júri — integrado por Marinho de Azevedo, Waldir Ayala e Onofre Penteado — pelo menos desta vez a unanimidade foi total. As isenções de júri ficaram com Andrés Vazquez, Dorée Camargo Corrêa, João Carlos Goldberg, José Altino, Kleber Gouvea, Maria Luiza Sertório, Paiva Brasil, Paixão, Ruth Aklander, Sandro Donatello Teixeira e Serpa Coutinho.

SERGIO CAMARGO: A VOLTA EM DUAS MOSTRAS — A iniciativa parece ser inédita entre nós: num mesmo dia um artista inaugura duas exposições. O artista em questão é o escultor Sergio Camargo e as exposições estão no Museu de Arte Moderna e na Galeria Luiz Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt (rua das Palmeiras, 19, Botafogo). Um dos mais importantes escultores brasileiros contemporâneos, Sergio Camargo tem conhecido ascensão brilhante após a conquista, em 1963, do Grande Prêmio Internacional de Escultura na III Bienal de Paris. Tendo fixado residência na Europa, onde passou 13 anos, Camargo voltou ao Brasil em fins de 1974, sendo este o

Artes plásticas

Geraldo Edson de Andrade



Piero Bondi: Escultura.

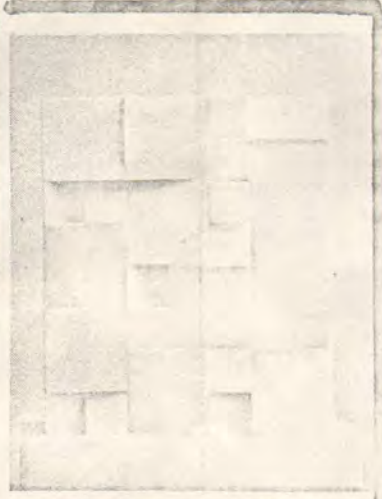
primeiro grande contato com o público brasileiro.

No MAM estão esculturas de grande dimensão (em mármore de Carrara) e relevos, abrangendo uma fase de dez anos, trabalhos que anteriormente foram apresentados pelo artista em individual no Museu de Arte Moderna do México em 1974; na Galeria Holanda e Bittencourt, esculturas de pequenas dimensões, também em mármore, e relevos em madeira. Em ambas as mostras, o que mais ressalta é a sensualidade da forma, a elegância com que Camargo esculpe em mármore, criando a partir de uma realidade latino-americana, não se deixando influenciar pela escultura européia, apesar de tantos anos de convívio. Isto se pode notar mais claramente nos famosos relevos, criados com pedaços de madeira, geralmente cilíndricos, pintados de uma cor única (o branco) e dispostos sobre uma superfície plana, criando luz e movimento.

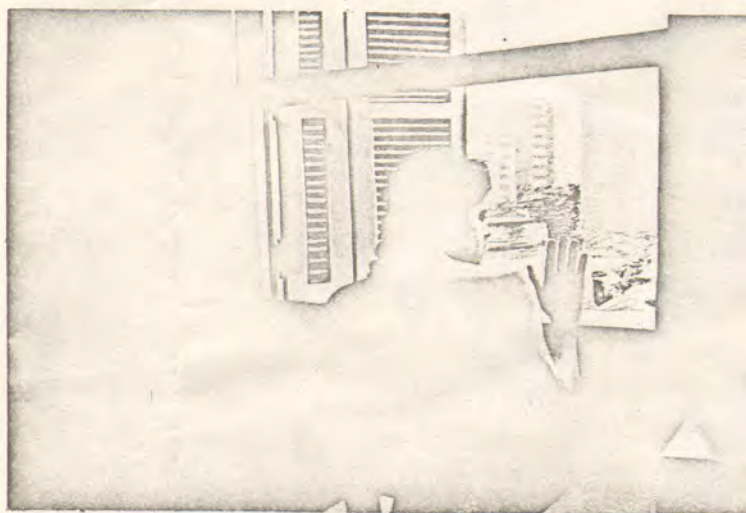
esse nome estranho, que não é pseudônimo, há um artista cuja revelação fica-se devendo ao Centro de Pesquisa de Arte, de onde têm saído tantos talentos, como Maria Luisa Serra de Castro e Clécio Penedo, para citar dois exemplos recentes. Antonio Kaifolker, de Miranda

aparece justamente numa época quando se fala muito na morte da pintura de cavalete e quando, na verdade, ela está cada vez mais em evidência. Usando uma técnica pouco usual entre os nossos pintores, a encaústica, Kaifolker revela em suas paisagens e figuras uma expressividade marcada por forte personalidade, que não se limita a *mostrar*, mas a *pensar*. Bruno Tausz, na apresentação, evoca a criação infantil e a dos doentes mentais (sem qualquer alusão) para exemplificar a pintura de Kaifolker. Como ele próprio confessa-se um "banqueiro que dividiu seu tempo entre o banco e a Arte", talvez aí esteja a "chave do mistério": a manipulação dos números e a vontade de fugir pela imaginação talvez tenha levado Kaifolker a esta estranha pintura, difícil à princípio de se penetrar, mas abertamente fácil quando nela se descobre sua mensagem maior.

OS ESPIGÕES E AS "OBRAS DE ARTE" — Na certa muita gente já notou o mau gosto das chamadas "obras de arte", na maioria das vezes, esculturas, que são colocadas nos jardins dos novos espigões anunciados nababescamente pelas imobiliárias. Principalmente em Ipanema e Leblon. Depois de Franz Waissmamm, Haroldo Barroso e Moriconi, o aço



Sérgio Camargo: escultura em mármore



Gregório: Desenho



Maria de Lourdes Mader: Objeto-espelho.

passou a ser moda e os espigões a encampar uns "arranjos" que, em nome da escultura, dão um atestado de incapacidade, a quem as criou e a quem as colocou. Na rua José Linhares, três placas de aço, dando idéia de ondulações, acabaram pondo em perigo a vida das crianças, pois justamente a parte mais cortante do material ficou para cima e transformando-se fácil, fácil, numa guilhotina. Criançinha caiu ali, adeus cabecinha.

Isto para não citar exemplares espalhados em edifícios cujos nomes vão de Delacroix à Tarsila do Amaral, de Portinari a Van Gogh, sem uma única obra desses autores para justificar a homenagem. Fica claro que não se reivindica um original, porém uma reprodução ao menos e não serigrafias e gravuras dos mesmos nomes, em série ilimitadas que, de uma hora para outra, começaram a infestar os "edifícios de luxo" da parte mais valorizada da cidade. Voltando à escultura, num dos espigões de Ipanema, recentemente inaugurado, está lá para quem quiser ver uma forma em acrílico, com iluminação interna, que além do mau gosto descamba irremediavelmente para símbolo erótico, sem o menor valor artístico.

DENTRO (E FORA) DAS GALERIAS — Duas galerias aderiram ao horário dos domingos, aumentando, portanto, a faixa dos compradores: a Galeria Ipanema (das 16 às 21 horas) e a Galeria Luiz Buarque de Holanda e

Paulo Bittencourt (das 15 às 18 horas). E o Museu de Arte Moderna resolveu prolongar seu horário de sábados, abrindo para o público das 14 às 20 horas. Dessa maneira, só não há arte quem não quer. XXX marchand pernambucano Carlos Ranulpho instalou sua galeria numa casa, em Boa Viagem, no Recife. Para inaugurá-la, exposição com os maiores nomes da pintura local como "Abelardo da Hora", Aloísio Magalhães, Brenano Fernando Lopes, Guita Reynaldo Fonseca, Samico Rego Monteiro, Virgolino. XXX A Galeria Contorno mostrando alguns dos artistas que participaram da 1.ª Mostra de Tapeçaria Brasileira, realizada em S. Paulo em 1974, como B. Vasconcellos, Gilda Azevedo Lici Hunsche, Maria Kikoler, Maria Helena Andrés, Parod Rubem Dario. A mostra ficou aberta até o próximo dia 18. XXX Excelente à primeira exposição de desenhos a pastéis do jovem paulista Gregório, na Galeria Graffiti. XXX Em Salvador, Lazzarini faz individual na Galeria da Pousada do Carmo, com apresentação de Prof. Flexa Ribeiro. XXX revista italiana "Valigi Diplomatica" destaca (n.º número 159) a pintura ingênua de Isabel Braga, que recentemente expôs em Milão. XXX Exposição importante no MAM: Imagens do Inconsciente e C. J. Jung, cuja programação paralela incluiu diversas conferências e exposições de filmes relacionados com a temática proposta. XXX A Galeria Irlandini de roupagem nova, mais ampla e simpática, apresenta no momento uma coletiva de "cobras": Djanira, Bernardelli, Ismael Nery, Vicente do Rego Monteiro, Di Cavalcanti, Sigaud. XXX Glauco Rodrigues mostra pinturas e desenhos na Galeria Ipanema a partir do dia 15. XXX Na Bolsa de Arte Rubem Valentim faz individual de pinturas dia 16, após sucesso de sua retrospectiva em Brasília. XXX Aberta no Museu de Belas Artes a mostra "Vestígios Romanos na Romênia", organizada pelo Museu de História da República Socialista da Romênia.